



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

REGICLAUDIA BEZERRA DA COSTA

**OS PCNs NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA: UM
ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO COM PROFESSORES E ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO, NO MUNICÍPIO DE ARARUNA-PB**

GUARABIRA – PB,
AGOSTO DE 2013.

REGICLAUDIA BEZERRA DA COSTA

OS PCNs NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA: UM
ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO COM PROFESSORES E ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO, NO MUNICÍPIO DE ARARUNA-PB

Monografia apresentada ao Departamento de
Letras, da Universidade Estadual da Paraíba
– Campus III, como exigência para a
obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA – PB,
AGOSTO DE 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C276p Costa, Regiclaudia Bezerra da

Os PCNS no ensino de língua inglesa na escola pública:
um estudo de caso etnográfico com professores e alunos do
ensino médio, no município de Araruna-PB / Regiclaudia
Bezerra da Costa. – Guarabira: UEPB, 2013.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. Monaliza Rios Silva.

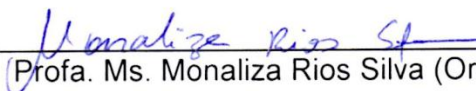
1. Língua Inglesa – Ensino 2. Parâmetros Curriculares 3.
Educação – Ensino Médio I. Título.

22.ed. CDD 370


FOLHA DE APROVAÇÃO

A monografia intitulada: “Os PCNs no Ensino de Língua Inglesa na Escola Pública: um estudo de caso etnográfico com professores e alunos do Ensino Médio, no município de Araruna-PB”, da autora Regiclaudia Bezerra da Costa, **foi apresentada e aprovada em** 26 **de agosto de 2013, obtendo a nota** 10,0 **(**DEZ**)**.

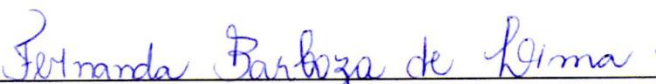
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (Orientadora – DLE/CH/UEPB)



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (1ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)



Profa. Ms. Fernanda Barboza de Lima (2ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)

GUARABIRA – PB,
AGOSTO de 2013.

Dedico este trabalho ao Mestre maior do conhecimento, fonte de toda a sabedoria. Aquele que esteve presente durante todo o meu percurso, ajudando-me a vencer os obstáculos, o cansaço, e o desânimo, dando-me força e coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** pelo sopro da vida, por me renovar a cada amanhecer, por se fazer presente minuciosamente em meus dias, lembrando-me de que cuida de mim, que “protege-me como a menina dos seus olhos; e esconde-me à sombra das suas asas”.

Aos meus pais, Sr. **Reginaldo** e Sr^a **Dijanete**, porque são a representação de tudo que há de mais sagrado criado por Deus, e na simplicidade souberam conduzir-me ao caminho do bem. Pela confiança incondicional a mim dedicada e pelo o humanamente impossível que fazem por mim.

Apaixonadamente ao meu irmão **Lindemberg**, o meu maior admirador, serão para você todas as minhas vitórias.

Aos meus **amigos** (escolhidos por Deus a dedo), que sempre estiveram ao meu lado, amparando-me e incentivando-me nas realizações dos meus sonhos, aos poucos, porem fiéis e verdadeiros.

Aos meus eternos **professores**, que durante minha vida acadêmica tornaram-se incentivadores e admiradores de minhas capacidades intelectuais. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão meu eterno agradecimento.

À minha orientadora **Monaliza**, pela paciência e dedicação com as quais me orientou. Serei eternamente grata e admiradora de sua pessoa. Seus exemplos de vida, suas histórias, seus sorrisos, sua compreensão, seu conceito de viver fazem de você essa pessoa humilde e humana que se tornou tão importante e referencial em minha vida profissional.

*“Professores há aos milhares.
Mas professor é profissão,
não é algo que se define por dentro, por amor.
Educador, ao contrário,
não é profissão; é vocação.
E toda vocação nasce de um grande amor,
de uma grande esperança.”*

Rubem Alves (2006)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada no município de Araruna-PB. Seu principal objetivo foi investigar e analisar o ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio, em consonância com os PCNs. Para alcançar este objetivo, algumas entrevistas foram feitas com professores de Língua Inglesa da Rede Pública Estadual, de forma a reunir informações sobre o planejamento das aulas e os recursos escolares para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Para tanto, a metodologia utilizada foi a de pesquisa de campo, através dos seguintes métodos de análise: observações das aulas e entrevistas aplicadas. Além disso, foi procedida a pesquisa bibliográfica, por meio de documentos educacionais (PCNs) para a microanálise etnográfica. Para a análise da coleta de dados, fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica em autores como: ALMEIDA FILHO (1993), PAIVA (1997), OLIVEIRA (1999), entre outros. Os resultados desta pesquisa mostram uma elevação do nível de autonomia profissional, de reflexão e de compreensão das demandas do trabalho docente por parte dos professores participantes. Acreditamos que a disciplina de Língua Inglesa, embora desacreditada pelos alunos, também possa colaborar para a formação de um cidadão crítico, mesmo sabendo ser esta formação uma tarefa árdua para o professor, haja vista os obstáculos encontrados no ensino de língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio. PCNs.

ABSTRACT

This study was set in the city of Araruna-PB. Its main focus was to investigate and analyze English Language Teaching in High School (Ensino Médio), according to the PCNs (Curricular Guidelines in Brazil). To reach this goal, one proceeded some interviews with English Language teachers from Public Schools, with respect to gathering information on their planning and didactic resources in order to improve the teaching-learning process in English Language. To do so, this study used field research, as methodological approach, through the following analytical methods: class observations and interviews. Besides, one used bibliographical research by the means of educational guidelines (such as, PCNs), due to ethnographical microanalysis. To examine data, one reached out for bibliographical research in authors, such as: ALMEIDA FILHO (1993), PAIVA (1997), OLIVEIRA (1999), among others. This research found a rising in levels of professional autonomy, reasoning, and comprehension on teaching dealings, from the teachers-participants part. One believe that the discipline English Language, although it has been misbelieved by students, is likely to contribute to the formation of critical citizens, even though this formation is a hard duty for teachers, once that there are lots of obstacles ahead in the English as a Foreign Language teaching.

KEYWORDS: Education. English Language Teaching in High School. PCNs.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Amostragem sobre a importância de LI para a formação do aluno	21
Gráfico 2	Amostragem sobre qual língua estrangeira o alunado optaria para o vestibular/ENEM neste ano	22
Gráfico 3	Amostragem da opinião do alunado sobre a melhor forma de se aprender LI	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		11
CAPÍTULO I	Um Breve Histórico sobre a Língua Inglesa no Brasil	13
CAPÍTULO II	Os PCNs e o Ensino de Língua Inglesa	15
	2.1 Perspectivas e dificuldades no ensino de Língua inglesa	16
CAPÍTULO III	Um Estudo Etnográfico com Professores e Alunos em Aulas de Língua Inglesa	19
	3.1 Descrição do relato dos professores	22
	3.2 Descrição do relato dos alunos	24
	3.3 Confronto dos relatos: professor x alunos	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS		30
REFERÊNCIAS		33

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Inglesa ganha cada vez mais espaço no mercado globalizado e, aos poucos, vai deixando de ser apenas uma exigência curricular para se tornar uma necessidade de acesso a informações, afinal a Língua Inglesa está presente em toda parte do nosso dia a dia, seja no aplicativo do celular, numa música que passa na rádio, em uma propaganda de *outdoor*, em revistas, em jornais etc. E para ter acesso a tais informações faz-se necessário, ao menos, o domínio básico da língua.

A intenção de realizar esta pesquisa está embasada em minhas observações e reflexões sobre a prática docente e na necessidade de análise da atual realidade educacional numa escola pública brasileira, no município de Araruna-PB, considerando como base a LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação – 9.394/96) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Muito se fala sobre a dificuldade e a desvalorização do ensino. As queixas seguem sempre na mesma direção, a saber: falta de estrutura nas escolas, a desvalorização salarial, a violência em sala de aula, o vandalismo, a falta de interesse do aluno com relação à disciplina ministrada, entre outros; apenas para citar alguns dos principais fatores que contribuem para uma educação deficitária.

No ensino de língua estrangeira não é diferente. Os professores de Língua Inglesa (doravante será usado o termo LI) se sentem desanimados e se veem limitados diante das condições da sala de aula que encontram, por exemplo: o número grande de alunos por turma; o número reduzido de horas-aula semanais; a falta de recursos didáticos que os auxiliem e, até o mesmo, o desinteresse próprio do alunado.

Segundo Paiva (1997), alguns desses argumentos podem se constituir em crenças que são usadas para justificar que não é possível aprender LI em escola pública. Tal lema é muito utilizado por alguns professores que se encontram, de certo modo, acomodados com a realidade do ensino. Pensando nisso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem a importância de

não se ater a essas crenças ao afirmarem que “deve-se encontrar maneiras de garantir que essa aprendizagem deixe de ser uma experiência decepcionante, levando à atitude fatalista de que a língua estrangeira não pode ser aprendida na escola” (BRASIL/MEC, 1998, p. 65).

Essas crenças, elencadas a seguir, podem vir a interferir no processo de ensino-aprendizagem como fatores desmotivadores para a categoria dos professores, são elas: alunos que não veem motivos para aprender a LI; alunos que admitem não gostar das aulas e, por vezes, acabam por associar a matéria ao professor. A falta de interesse dos professores e dos alunos tornou a LI, nas escolas de nível médio, um simples figurante do currículo escolar.

Assim, ao invés de preparar o educando para ler, escrever e falar um novo idioma, as aulas acabaram por assumir uma aparência monótona e sem nenhuma função, pois as escolas apenas repassavam regras gramaticais, sem se preocuparem com o contexto, não valorizando, pois, os conteúdos necessários à formação do aluno.

O Ministério da Educação regulamentou o Ensino Médio como Educação Básica, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDEN – Lei no. 9.394/96) e implantou os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), para nortear as atividades das unidades educacionais no país.

Os PCNs tornam-se, assim, parceiros colaboradores nas mudanças que têm ocorrido recentemente no ensino brasileiro. Através deste documento, professores estão tentando rever suas metodologias e buscando seguir suas orientações em sala de aula. Por outro lado, ainda vemos professores acomodados que continuam com seus métodos tradicionais e não se disponibilizam a novas metodologias.

Partindo da necessidade de análise dessas problemáticas, realizou-se este trabalho de pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão, localizada na cidade de Araruna-PB, com o principal objetivo de investigar e analisar o ensino da LI em um grupo-classe do Ensino Médio, em consonância com os PCNs.

Em campo, buscamos entrevistas feitas com professores de LI e alunos desta Rede Pública Estadual de Ensino, com o propósito de reunir informações sobre o planejamento das aulas e os recursos escolares utilizados por estes

para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem de LI. Sendo assim, buscamos compreender como os docentes estão inserindo os conceitos e as soluções propostos pelos PCNs para o ensino de LI no Ensino Médio nos objetivos de plano de aula, além de tentar entender como os professores(as) justificam o ensino e a aprendizagem da LI na escola pública. Através dos resultados obtidos analisaremos os principais tópicos apontados pelos professores e alunos, não a fim de solucionar possíveis problemas, mas apontar direcionamentos para que tais situações sejam amenizadas.

CAPÍTULO I – UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

A chegada de Dom João VI ao Brasil, em 1808, proporciona mudanças fundamentais no panorama educacional brasileiro, pois o monarca cria os primeiros cursos superiores não teológicos, com o objetivo de formar profissionais qualificados. Nesses cursos seriam formados oficiais e engenheiros, civis e militares, médicos e arquitetos. No plano cultural, as ações de D. João VI também se fazem notar, com a fundação de grandes instituições, como a Imprensa Régia, a Biblioteca Pública, o Teatro Real de São João e o Museu Nacional (OLIVEIRA, 1999).

Diante da necessidade de se manterem os laços entre a França e a Inglaterra, estrategicamente, no início de 1890, Dom João decretou a implantação de duas línguas estrangeiras: o inglês e o espanhol. Que passaram, desde então, a serem cadeiras obrigatórias nos cursos acadêmicos brasileiros. Desse modo, a única função do ensino como afirmaram Santos; Oliveira (2009, p.63) era “capacitar os estudantes a se comunicarem oralmente e por escrito”, cumprindo, assim, com as exigências primordiais do monarca.

Em seguida, podemos dividir em três momentos importantes e marcantes o ensino de LI no Brasil, como sugere Bohn (2003). O primeiro momento é o período Pós Segunda Guerra Mundial (anos 1940 a 1960), em

que havia poucas escolas públicas e o nível de ensino era igual ao das particulares.

O segundo momento é o da ditadura (anos 1964 a 1988), em que se percebe o abandono da tradição francesa no ensino brasileiro. Conseqüentemente, as Línguas Estrangeiras, as Artes e as Ciências Humanas perderam terreno. A ênfase foi dada na competência técnica (Escola Tecnista, com base na tradição fordista estadunidense) para que os alunos fossem preparados para o mercado industrial.

Por volta dos anos 1970, a elite brasileira percebe a importância de se aprender a LI e começam a aparecer os cursos de idioma e as viagens educativas e de intercâmbio para os EUA. Rajagopalan (2003, p. 94) ressalta a velocidade com que se espalhou a ideia desses cursos, talvez, mais rápido do que a expansão da rede de *fastfood* McDonald's no país.

O terceiro momento refere-se à época das últimas reformas educacionais, a LDB (1996) e os PCNs (1998). O ensino de língua estrangeira é compulsório no Ensino Fundamental, cabendo às autoridades e às escolas da comunidade local decidir sobre a escolha da língua a ser estudada.

Atualmente, segundo Leffa (2001), há dificuldades de ordem econômica e da vontade política de governantes, alunos, pais e professores para a implementação da legislação. O momento atual faz refletir sobre a situação de milhares de brasileiros, dentre eles, os adolescentes e os jovens da Rede Pública de Ensino, que são excluídos da competição local, nacional e internacional do mercado de trabalho por causa da pouca eficiência do ensino público.

CAPÍTULO II – OS PCNs E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Desde o século XIX que vem se fazendo modificações no sistema educacional, ora se trata com prioridade o ensino de LI, ora é esquecido e excluído da grade curricular.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1961 e a de 1971, de acordo com Paiva (2003), deixa de lado as línguas estrangeiras, ao não incluí-las entre as disciplinas obrigatórias. Após essas duas LDBs, outras leis são formuladas para gerir o ensino no país e, em todas elas, a questão de ensino de língua estrangeira é abordada, mas nem sempre tratada com a importância que se deveria dar ao assunto. Só a partir do dia 20 de dezembro de 1996 é promulgada a nova LDB, a lei nº 9.394, que torna obrigatório o ensino de língua estrangeira, a partir da quinta série do Ensino Fundamental e estabelece que, no Ensino Médio será incluída uma língua estrangeira moderna, como uma disciplina obrigatória, a ser escolhida pela comunidade escolar e também uma segunda língua optativa, dentro das possibilidades da instituição.

Em 1998, são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais pelo MEC. Neles as autoridades sugerem que o ensino deva se concentrar no desenvolvimento integral na competência comunicativa, haja vista afirmarem que

[...] o estudante precisa possuir um bom domínio da competência gramatical, sociolinguística, da competência discursiva e da competência estratégica. Esses constituem, ao nosso entender, os propósitos maiores do ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Médio (BRASIL/MEC, 1998, p.30).

Sendo assim, o principal foco da LI no nível médio é a comunicação oral e a escrita, que, por sua vez, o documento entende como sendo o Ensino Médio um grande aliado no compromisso com a educação para o trabalho, já que considera a LI importante para a vida profissional, ao afirmar serem “imprescindíveis as necessidades da realidade ao currículo escolar de forma que os alunos tenham acesso, no Ensino Médio, àqueles conhecimentos que serão exigidos no mercado de trabalho” (BRASIL/MEC, 1998, p.149).

Nesta perspectiva, espera-se que o aluno seja capaz de falar, ler, escrever e entender a LI sem muitas dificuldades, considerando que o mercado de trabalho do século XXI está mais exigente que nos séculos passados.

Diante disto, ao analisarmos o ensino de LI nas escolas é notório que nos deparamos com grandes equívocos metodológicos que resultam em práticas ineficazes. Ora, como se admite que alunos que passam a maior parte de sua vida acadêmica estudando LI venham prestar vestibulares optando pela língua espanhola (a qual nunca teve acesso na escola)? Como não se questionar quando um aluno diz que passou mais de quatro anos vendo verbo “To Be”, e que na verdade quando você pergunta o que é verbo “To Be”, ele não sabe descrever? Por que os discentes não formam frases e não constroem um pequeno diálogo em LI, se já “praticaram” e “aprenderam” a língua durante sete anos na escola?

Segundo os PCNs, para se exercer cidadania é necessário que os alunos se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas e, para isso, é indispensável que ele aprenda todas as habilidades da língua estrangeira. A aprendizagem da LI é, portanto, instrumento imprescindível de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização pessoal.

2.1– Perspectivas e Dificuldades no Ensino de Língua Inglesa

Mesmo que os PCNs afirmem a importância do ensino de qualidade das Línguas Estrangeiras, consideradas tão relevantes quanto qualquer outra disciplina do currículo, em prática, a LI tem sido menosprezada e deixada de lado. Ao questionarmos o principal fator para este fracasso muitos procuram responsabilizar alguém ou algo e durante as duas últimas décadas o excessivo número de alunos por sala vem sendo apontado como o principal fator do déficit de aprendizagem.

Alguns elementos complicadores do desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas do estudante são apontados, segundo Santos;

Oliveira (*apud* LIMA, 2009): turmas numerosas, a falta de recursos físicos adequados e a escassez de professores proficientes na língua alvo com formação adequada. Tais fatores provocam frustrações, ansiedade e questionamentos no corpo docente.

Por vezes, o ensino de LI tem ficado restrito a explicações superficiais de regras gramaticais, exploração de textos longos que permanecem por aulas a fio, sem chegar ao término de sua tradução. De um lado, professores que já idealizaram que os alunos não querem aprender, não se interessam pela matéria e que não precisarão utilizar a LI, de acordo com a realidade social em que estão inseridos. De outro, alunos que admitem ser uma língua difícil e chata de aprender, que não conseguem ver utilidade na vida profissional na qual querem ingressar e que na maioria das vezes passam a aula, distraídos com outros atrativos (celulares, escrevendo bilhetes, desenhando).

Embora saibamos que o ideal seria trabalhar com turmas menores, esta perspectiva está longe de acontecer devido à realidade econômica que influencia a maioria das decisões em nosso sistema educacional. Por vez concordemos que esta não seria uma medida tomada com urgência para reverter esse quadro.

Muito se tem discutido sobre a formação e a preparação às quais os professores vêm se submetendo e têm recebido em seus cursos de licenciatura. Constata-se, entre outras coisas, que a universidade não tem conseguido formar professores de LI tão preparados quanto o exercício da docência exige (MOITA LOPES, 1996; SANTOS; OLIVEIRA *apud* LIMA, 2009). De fato, torna-se este um elemento complicador ao passo que a universidade nem sempre forma professores aptos a exercerem sua profissão.

Filgueiras dos Reis (1992) afirma que esses professores podem não estar formando professores integralmente, mas somente treinando futuros instrutores (e ainda de maneira questionável, desigual e insuficiente), o que pode impedir a obtenção de resultados mais satisfatórios na disciplina, uma vez que está lançando profissionais despreparados no mercado.

Cavalcantie, Moita Lopes (1991) criticam o fato de muitos professores acreditarem que a conclusão da Graduação implica no término de sua formação. Concordo com tal crítica e acredito que esse fato ocorre devido a uma falta de visão quanto à importância da formação continuada do professor.

Almeida Filho (1995) também alerta para este fato. De maneira semelhante a Cavalcante, Moita Lopes (1996), o autor afirma que a palavra formação indica corretamente o processo dinâmico que se desenvolve ao longo do tempo. Sendo assim, a formação do professor deve ser algo contínuo. Quanto mais básica ela for, maior a probabilidade de ele agir em sala de aula e cobrar atitudes de seus alunos, orientado por uma competência constituída de intuições, crenças, experiências pessoais de como foram ensinados ou aprenderam a língua estrangeira.

Por outro lado, se o professor aprimora seu conhecimento, estando em constante crescimento profissional, ele é capaz de sair do nível da intuição e das crenças e passar a explicar com êxito porque ensina da maneira que o faz e porque obtém os resultados que obtém. Concordo com Almeida Filho(2004), quando o mesmo afirma que o professor (despreparado) ao adentrar em sala de aula, age sob a orientação de uma dada abordagem, que é embasada nas competências que ele traz consigo em configurações e níveis distintos em que, muitas vezes, é bem mais prático reproduzir que inovar (“eu aprendi assim, eles também podem aprender”).

Partindo desse pensamento, resolvemos analisar informações sobre o planejamento das aulas em consonância com os PCNs e os recursos escolares disponibilizados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão, localizada no município de Araruna-PB, a fim de questionarmos as possíveis crenças encontradas no ensino de LI que contribuem de forma negativa no desenrolar do processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO III – UM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM PROFESSORES E ALUNOS EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA

A metodologia utilizada neste trabalho foi a de pesquisa de campo, através dos seguintes métodos de análise: observações das aulas e entrevistas aplicadas. Além disso, foi procedida a pesquisa bibliográfica, por meio de documentos educacionais (PCNs), para a microanálise etnográfica. Para a análise da coleta de dados, fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica em renomados autores como: Almeida Filho (1993), Vera Lúcia Paiva (1997), Luiz Eduardo Meneses de Oliveira (1999), entre outros.

As informações foram obtidas através de dois questionários no início da investigação, destinamos aos docentes e aos discentes da escola em foco (vide Anexos I e II), seguidos pela observação de aulas. Realizadas em duas turmas de terceiro ano de Ensino Médio, no período vespertino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão, localizada na Avenida Luís Targino Moreira s/n, Centro, no município de Araruna, no Estado da Paraíba. Além disso, trazemos, em Apêndice, um relato próprio sobre as experiências como aluna de LI da referida escola, cuja apreciação faz-se relevante na compreensão e motivação da/para esta pesquisa.

A mesma pode ser descrita como sendo a única escola de Ensino Médio do município. Quanto às instalações físicas, temos: nove salas de aulas amplas; um ginásio de esportes, que está sempre à disposição da população Ararunense; um Laboratório de Informática; um Laboratório de Ciências; banheiros femininos, masculinos e dos funcionários; uma secretaria; biblioteca e copa. Quanto a equipamentos eletroeletrônicos, temos: Datashow; equipamentos sonoros, tais como TV, DVDs; computadores.

Quanto à estrutura humana, temos: trinta e três professores; secretárias, agente de Educação; merendeiras; auxiliares de limpeza; agentes de segurança; setecentos e vinte e dois alunos, regularmente matriculados, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite. Como diretor, há a pessoa de Francisco Berlarmino dos Santos e diretora adjunta, Edivânia Costa.

Foram selecionados dados de vinte alunos, com idades entre quinze e dezessete anos, cuja maioria dos pais é de classe operária. Os alunos selecionados são dos 3º Anos A e B, do Ensino Médio, do período da tarde. E também contamos com a participação de dois docentes de LI, desta mesma escola.

Para desenvolver este trabalho, fez-se necessário, como uso de instrumento de pesquisa: questionários aplicados e observações de aulas dos professores entrevistados.

No primeiro instante em sala de aula, o professor apresentou-me a turma como sendo universitária que estava ali para observar a aula. De primeira instância, percebemos a turma um tanto numerosa, grupos de amigos formados na sala, alocados nas laterais e um grupo maior, ao fundo da sala. Desde o início da aula até os momentos finais era perceptível a movimentação de alguns alunos conversando, outros distraídos no celular e uns de cabeça baixa, debruçados sobre as carteiras.

O professor, na primeira aula, revisava um texto trabalhado numa aula anterior, onde se lia um pequeno diálogo entre dois personagens. Em momento algum, os alunos fizeram questionamentos ao professor e mal se interessavam para interagir com o mesmo. Ao término da leitura, o professor pediu para que os alunos tentassem construir um diálogo entre os dois personagens, para isso eles poderiam trabalhar em grupo. Equipes formadas, a aula seguiu no mesmo padrão que já vinha, apenas facilitou para as conversas paralelas, já que agora os alunos estavam em grupo menores.

Em grupo, umas meninas viam revistas, outras conversavam e uns mostravam o celular ao colega. A primeira aula acabou sem muita produtividade e a atividade, que ia ser realizada em sala, foi encaminhada para casa que, possivelmente, deverá ser entregue na aula seguinte.

Enquanto caminhava junto ao professor para outra turma no segundo horário, ele conversava sobre a falta de interesse dos alunos, apontava o descompromisso dos mesmos e dizia que não sabia mais o que fazer para chamar a atenção dos alunos, já que muitos afirmavam que a matéria era difícil e que não gostavam de inglês. O professor disse fazer sempre o possível para que os alunos se sentissem bem em suas aulas. Mas, não negou que, de fato, a produtividade em sua aula era sempre baixa.

Em outra sala do 3º Ano, do Ensino Médio, na segunda aula, as diferenças não são muitas. A idade dos alunos são as mesmas e os comportamentos são bem semelhantes. Este momento de observação torna-se essencial para esta pesquisa, pois é através destas observações que podemos compreender o espaço do professor e aluno, entender como se movimentam em sala.

Vemos adolescentes antenados com todos os variados níveis de tecnologias e isso pode ser produtivo e trabalhado a favor do professor se ambos estiverem dispostos a isso. Caso contrário tais dispositivos podem atrapalhar de forma significativa a aula.

Em apenas um momento o professor chamou a atenção de algumas alunas, disse que não precisava estar, a todo momento, repreendendo as mesmas porque não era uma sala de crianças, todos eram praticamente adultos e já sabiam muito bem a diferença entre o certo e o errado.

Depois de copiado o texto, pediu para que, em casa, os alunos traduzissem as informações para serem discutidas em sala, na aula seguinte. Toca o sinal e muitos alunos saem da aula sem ao menos copiarem todo o conteúdo que estava no quadro.

Em todo o momento de minhas análises pude perceber o desinteresse expressado pelos alunos. Alguns ficavam conversando como se o professor nem na sala de aula estivesse. Se realmente aquelas atividades serão desenvolvidas como pretende o professor é um tanto complexo adivinhar e não cabe avaliarmos aqui. De um lado, é perceptível o comodismo do professor diante da distração dos alunos. Por outro, compreendo algumas reações dos discentes em não quererem fazer uma atividade, caso esta não seja cobrada e nem trabalhada, conseqüentemente, na próxima aula.

A partir dessas observações em sala de aula, constatou que a metodologia de ensino utilizada na referida unidade encontra-se bem distante da realidade desejada por professores e alunos. Vale ressaltar que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) são diretrizes que se fazem presentes para serem tomadas como elementos direcionadores e não como instrumentos capazes de mudar tudo do dia para noite. É bem verdade que os PCNs inovaram em muitos aspectos no que diz respeito aos procedimentos para com o ensino de línguas. Entretanto, de nada servirão caso a instituição de ensino

também não contribua para este aprendizado. É preciso que haja uma parceria de alunos e professores juntos dedicando-se a uma nova construção de metodologias que sejam satisfatórias a ambas as partes. Afinal educamos para à vida, educamos seres pensantes e críticos construtivistas que buscam uma sociedade mais justa e igualitária à todos.

3.1 – Descrição do Relato dos Professores

Os sujeitos da pesquisa são denominados P1 e P2 para melhor identificação. O P1 é graduado em Letras/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, após o término da graduação, fez curso de inglês para complementar seu currículo. É o primeiro ano que leciona nesta escola e é concursado. Além de trabalhar em outra cidade vizinha. Pretende fazer um curso de especialização, mas ainda não teve oportunidades.

O P2 graduou-se em Letras/Inglês pela mesma Universidade, possui curso de Especialização. Teve oportunidade de viajar para os Estados Unidos em um intercâmbio, com duração de três meses. É contratado a prestar serviços para esta escola. Tem outro trabalho em uma cidade próxima.

Para melhor entendermos os discursos apresentados pelos professores, relaciono seus posicionamentos a observações feitas às aulas. As indicações encontradas nos questionamentos mostram-se o ponto de partida para iniciar a discussão, pois a análise das crenças dos sujeitos serve para trazer as evidências básicas. As observações das aulas trazem parâmetros para se observar se o professor propicia meios para que o aluno aprenda da maneira que ele considera ideal.

Passo, a seguir, a analisar os dados, observando o que os sujeitos da pesquisa afirmam ser necessário para haver aprendizagem.

Ambos os professores afirmaram ter o conhecimento da Nova LDB e dos PCNs, informando que são cobrados a elaborar um plano de aula, tomando como base os mesmos. Com dados colhidos em entrevista, os professores acreditam que, em partes, os PCNs apontam caminhos favoráveis para educação, embora devam ser repensados.

P1 – *Creio que os PCNs deveriam dar mais suporte e serem mais claros.*

P2 – *Como modelos de propostas, eles auxiliam um pouco o professor, mas creio que deveriam ser repensados com mais atenção à realidade das escolas.*

Indagados sobre uma sugestão para melhorar o ensino de Língua Inglesa, com Base nos PCNs, declaram:

P1 – *Deveriam dar mais suporte e fornecer um material mais objetivo e adaptado para o alunado brasileiro.*

P2 – *Creio que cada professor deva desenvolver seus métodos, pois ninguém melhor do que ele que já conhece os seus alunos. Haveria uma mescla entre métodos do professor e teorias dos PCNs.*

Analisando tais respostas, percebemos uma parcela de insatisfação dos professores em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os professores alegam que os objetivos apontados pelos PCNs fogem à realidade do seu aluno. Bem se sabe que tais propostas devem servir de base e orientação para o professor, mas para que de fato a aprendizagem aconteça, é indispensável a disposição e a dedicação por parte do educador e do alunado.

Os professores concordam que a aprendizagem do alunado é lenta, fraca e sem estímulo; admitem, muitas vezes, o esforço e a obtenção de pouco resultado. Questionados sobre suas metodologias utilizadas em sala, dizem não fugir dos métodos tradicionais; reforçam que a escola disponibiliza sala de informática, equipamentos eletroeletrônicos, Datashow; equipamentos sonoros, tais como: TV, DVDs e computadores; e que sempre utilizam tais equipamentos em suas aulas.

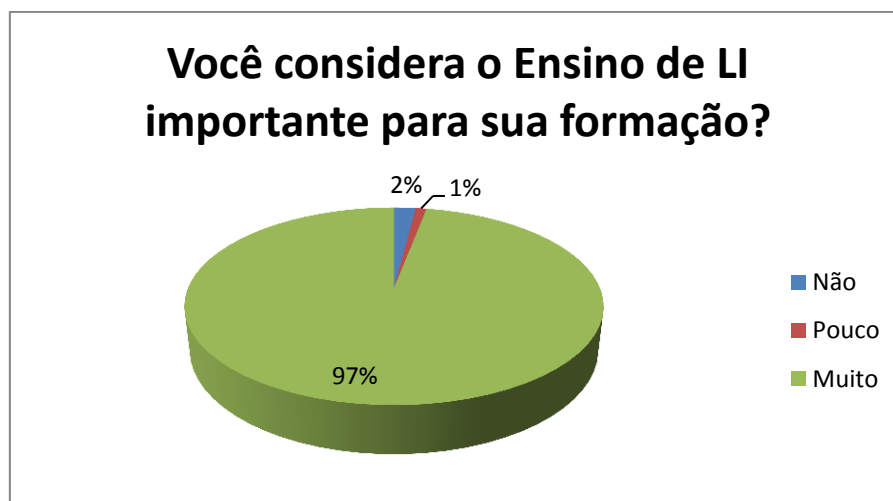
Uma grande dificuldade dos educadores comentada é o grande número de alunos por turmas. Segundo os professores, este fator contribui negativamente quando se fala de aprendizagem. Eles ainda ressaltam: a dificuldade de trabalhar em apenas um ou dois dias na semana, por turma; a falta de respeito com a profissão vinda dos alunos; a desvalorização da categoria economicamente falando; as cobranças das coordenações pedagógicas, por vezes desnecessárias; e questionam a falta de interesse e compromisso do aluno com relação à disciplina.

3.2 – Descrição do Relato dos Alunos

De acordo com o questionário aplicado aos vinte estudantes do Ensino Médio, observamos que todos acreditam que qualquer pessoa pode aprender inglês. Dos quais, nove afirmam que o professor demonstra interesse pela matéria. Um diz que a escola oferece condições adequadas para o ensino de LI (laboratório de informática, sala de áudio e vídeo, Datashow etc). Apenas um admite que o professor demonstra preocupação com seu aprendizado.

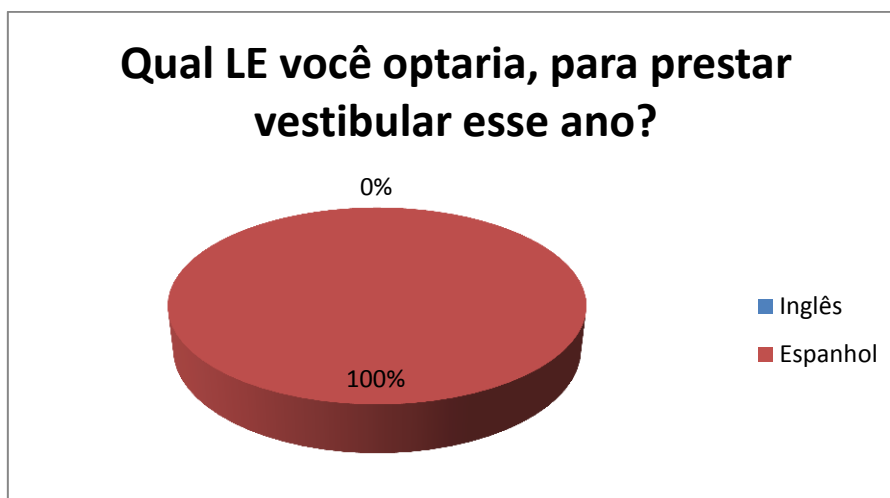
Questionados quanto à importância da LI para o futuro, principalmente para o mercado de trabalho, eles consideraram como sendo o ensino de LI muito importante, mais têm a impressão de que a escola não ensina inglês para o trabalho e que, portanto, precisam fazer um curso de inglês em uma escola de idiomas (vide Gráfico 1).

Gráfico 1: Amostragem sobre a importância de LI para a formação do aluno



Ao perguntar se eles fossem prestar vestibular esse ano, qual língua estrangeira eles optariam, a resposta foi unânime pela escolha da Língua Espanhola (vide Gráfico 2).

Gráfico 2: Amostragem sobre qual língua estrangeira o alunado optaria para o vestibular/ENEM neste ano



Dados alarmantes como este, sem dúvida, evidenciam as dificuldades existentes no ensino de LI. Ao questioná-los do porquê de tal escolha, muitos afirmaram que não se sentem seguros e aptos ou muito pouco ou quase nada sabem da língua. Alguns disseram sentir vergonha durante as aulas de inglês quando necessário pronunciar algumas palavras, outros se sentem mal e tolos.

Sendo assim, fica evidente que as propostas oficiais presentes nos PCNs para o ensino de língua estrangeira na escola pública regular não estão sendo exercidas com êxito, quando através desta pesquisa podemos constatar que o aluno não consegue sair do Ensino Médio com um domínio básico da língua, ao ponto de, através do inglês, ingressar no mercado de trabalho.

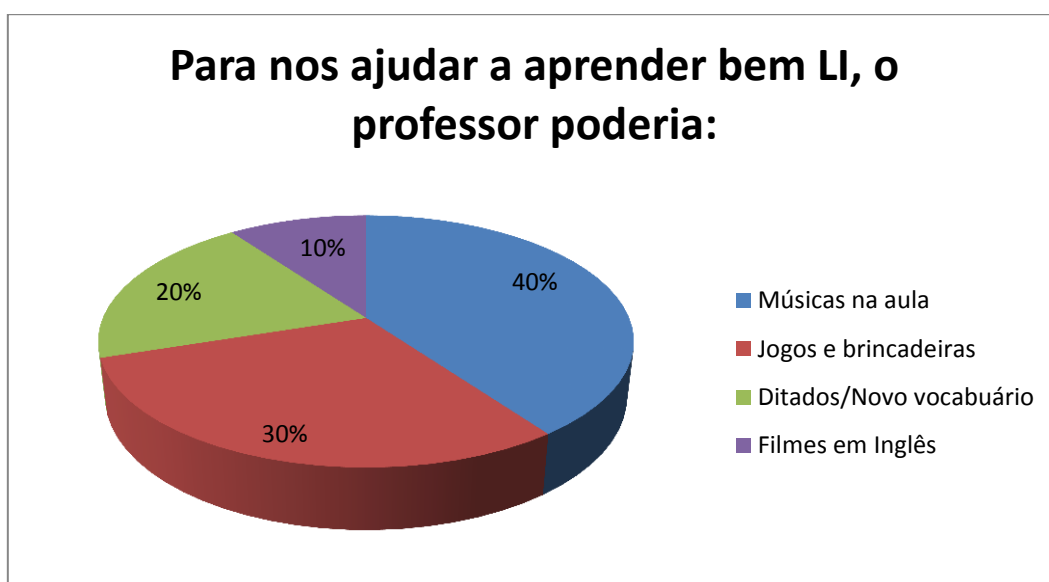
Iniciamos nosso trabalho com o propósito de compreender o porquê de, apesar de tantos anos de aulas de inglês na escola regular, o alunado sai desse espaço sem saber essa língua, presta vestibular com uma língua que nunca estudou, nunca viu sua gramática, apenas por acreditar que seu conhecimento não é suficiente; quando, de fato, já está mais que justificado que realmente não é, pois há uma série de fatores que explicam as dificuldades que a escola passa, frente ao aprendizado de LI.

Nossas dúvidas foram estimuladas pela necessidade de sabermos inglês para o nosso trabalho e investigar até onde a escola está trabalhando de acordo com as sugestões elaboradas pelos PCNs. Pensamos que seria importante analisar o que a escola pretendia com o ensino de idiomas em seu

ambiente e descobrimos que o objetivo da escola e o que queremos são coisas totalmente diferentes. Teoricamente, o ensino de idiomas nas escolas públicas sempre esteve em último plano e hoje em dia, esse ensino não busca formar falantes de inglês para o mercado, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação.

Finalmente buscamos compreender nos educandos o que eles desejariam que seus professores fizessem para motivá-los no processo de ensino-aprendizagem. As respostas foram dinâmicas e sugestivas (vide Gráfico 3).

Gráfico 3: Amostragem da opinião do alunado sobre a melhor forma de se aprender LI



Educador e educando concordam com a importância da língua, por reconhecerem que este idioma é fundamental para a formação profissional do indivíduo, como membro de uma sociedade em desenvolvimento. Entretanto, ambos reconhecem que algo deve ser feito para mudar a realidade do ensino de LI nas escolas regulares. Deve-se mudar a postura de professores e alunos, mediante o processo de ensino-aprendizagem, através do amadurecimento do educador e educando. As habilidades para tais transformações já estão expostas nas novas tendências educacionais propostas pelos PCNs.

Porém, vale salientar que um problema local que engloba a Educação no Brasil, refiro-me apenas ao âmbito de uma unidade educacional, não

representa a maior conjectura a que o sistema educacional nacional está inserido. Conjectura esta, segundo alguns estudos legitimam (vide, por exemplo, BOHN, 2009), envolve o âmbito político. Portanto, não se faz objetivo nesta análise apontar os culpados das dificuldades do ensino de LI. Antes, fazemos um recorte do local que evidencia estas dificuldades.

3.3 – Confronto dos Relatos: Professor X Alunos

Durante toda a elaboração de nosso trabalho estivemos atentos a cada palavra expressada tanto pelos docentes, quanto pelos discentes colaboradores entrevistados.

De um lado, pudemos observar claramente a desmotivação dos discentes, sentimento esse justificado quando entramos na sala de aula para as observações: alunos inquietos, distantes, descompromissados com a disciplina em foco. Vimos o questionar dos professores sobre o que fazer para poder trabalhar sua disciplina de forma produtiva e eficaz. Equipamentos eletrônicos já não são o atrativo principal das aulas e o professor que pouco participa de capacitações e treinamentos intensivos ficam à mercê de objetivos e metodologias tradicionais.

[...] professores tendem a ensinar da forma como foram ensinados; sua experiência educacional anterior pode refletir na forma como eles concebem o ensino, selecionam, avaliam e julgam conceitos que serão incorporados em sua maneira de ensinar. Paiva (p.46, 2003)

Muitas vezes esse é o caminho que o professor opta por percorrer, quando já não consegue ver resultados que ansiosamente almejava. E muitas outras questões abordadas anteriormente são construtivas na desistência do professor em fazer o novo. Isso se evidencia através do que afirma um dos professores observados.

P2 – Não somente na minha escola, mas de uma forma geral um grande problema para nós professores de inglês é a falta de interesse do aluno, a

superlotação de alunos em turmas, a falta de respeito com a nossa profissão, vinda tanto dos alunos como outras pessoas, a desvalorização da nossa categoria no quesito econômico, a falta de recursos nas nossas escolas, assim como a infraestrutura em geral e a cobrança das coordenações pedagógicas aos professores.

Sem dúvida, colocações como estas são relevantes e devem ser consideradas. Por outro lado, observando e conversando com os alunos, entendemos o que querem falar quando dizem: “para que vou fazer uma atividade que nem entendo e o professor nem vai lembrar depois que pediu para fazermos?”. Situações como esta também não estão distantes do processo de educação. Muitas vezes, os alunos não conseguem um bom desempenho na disciplina por não conseguirem ver a importância que a mesma tem, não entendem as atividades trabalhadas e pensam ser distantes de suas realidades sociais.

É válido ressaltar a questão da participação em sala de aula, no qual o interesse dos alunos por aquilo que o professor está propondo, torna-se uma realização deste professor. Sentir que alguém se interessa por aquilo que ele um dia se interessou e resolveu até dedicar a vida a isto. Por vez, a não participação dos alunos em sala de aula é uma forma de fragilizar o trabalho, pois não dão retorno, não ajudam o professor a saber o que está indo bem, se estão entendendo, se estão achando interessante ou não. Quando o aluno se posiciona em sala de aula, quando participa, inclusive para criticar, o professor sente que não está falando com as paredes, que não está sozinho.

Observa-se, então, que a relação de ambas as partes (professor-aluno) se fortifica mais ainda. A partir do momento que o educador valoriza seu educando e se conscientiza de que também é aprendiz, vai interagir melhor nessa relação, criando uma confiança por parte do educando, que por sua vez perderá o medo, a insegurança e a falta de interesse. Comungar das ideias, será relevante para que a aprendizagem aconteça com êxito. Não dá para aceitar a situação de que eles não querem nada, de que isto não tem importância para sua vida, de que tanto faz aprender; e simplesmente não se fazer nada. É crucial que saibamos algo, mesmo que pouco, mesmo simples.

Estamos em processo de aprendizagem na escola e não podemos sair da mesma, vazios de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino encontra-se deficitário por diversos aspectos, já demonstrados ao longo deste trabalho, e não adianta mascarar a realidade. Cabe a nós propor possíveis encaminhamentos para a questão.

Responsabilizar discentes ou docentes não seria uma atitude justa diante de tantos posicionamentos analisados e discutidos até aqui. Verificamos que a realidade do ensino de Língua Inglesa, na escola em pauta, é incompatível com a visão de ensino que os PCNs propõem, porém muitos aspectos contribuem para tais realidades. Ficou claro que há um grande descontentamento por parte da maioria dos aprendizes com relação às aulas, devido ao pouco domínio ou até mesmo à falta de reflexão de seus professores, em uma tentativa de aproveitar o tempo em sala de aula da maneira mais proveitosa possível.

Porém, um dos grandes problemas enfrentados pelos professores de Língua Inglesa diz respeito à formação das turmas, visto que são heterogêneas e numerosas como vimos anteriormente. O educador, sabedor desse problema, tem de ter o cuidado de adequar seu conteúdo na forma mais justa possível para ambas as realidades, sendo que, por sua vez, não consegue fugir aos prejuízos do conteúdo ministrado. Também não se pode ignorar a falta de material didático pedagógico na escola adaptado à realidade do aluno, tendo em vista que os mesmos no Ensino Médio não conseguem interagir com os conteúdos pré-estabelecidos pelo currículo.

Os dados coletados comprovaram a importância do idioma para a formação do educando, entretanto apontou também as principais dificuldades enfrentadas pelo professor de LI. Observou-se que o aluno precisa querer aprender e esse querer aprender depende do seu conceito de aprendizagem e da importância que a mesma tem para sua própria vida. Para ajudar o aluno

nessa decisão de querer ou não aprender, é necessário que esse aluno sinta confiança no envolvimento do professor no seu aprendizado, passando a respeitá-lo como uma pessoa que quer ajudá-lo.

Ademais, a confiança e o respeito mútuos são a base da afetividade que envolve o contexto escolar de aprendizagem. Todas as mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos também influenciam a vida pessoal e profissional dos professores, colocando-os diante de novos desafios. Ser professor na sociedade de hoje é optar por doar-se ao mundo com a esperança de melhorias futuras na nossa sociedade; é dedicar-se dia a dia por uma profissão que não oferece promessas de valorização à altura; é, ainda, empenhar-se cotidianamente na difícil tarefa de educar.

Não podemos, entretanto menosprezar o ensino de LI no Ensino Médio responsabilizando-o por toda a falta de aprendizagem. Afinal, nosso alunado vem de outras experiências pautadas no Ensino Fundamental e isso deve ser considerado, não podemos esperar que toda aprendizagem venha ocorrer apenas no nível médio, onde eles já deveriam chegar com conhecimentos formados.

Se estamos formando educandos para o mercado de trabalho ou não, já não se torna o principal questionamento quer deve prevalecer aqui. Mas sim, o que nossos educandos conseguem absolver ao longo dos anos em sala de aula. Será que não estamos apenas maquiando nossos reais compromissos assumidos com a educação? Em todo momento da entrevista com os alunos evidenciou-se o desejo de mudanças metodológicas em sala de aula. Pensando nisso, em como melhorar as aulas, algumas sugestões são apresentadas aqui com o objetivo de melhorias, onde os professores poderão dinamizar as aulas através de vídeos, filmes, textos variados e pesquisas em internet, em *sítes* relacionados, explorar a conversação entre a turma, em grupos na escola, mesmo que os conhecimentos dos alunos sejam mínimos.

Porém, tal metodologia só será eficaz se os professores se propuserem a aplicá-las com determinação e, por parte dos alunos, haja uma aceitação. Só assim ocorrerá uma troca mútua de conhecimentos e a aprendizagem deixará de ser um fator obrigatório passando a ser satisfatório.

Enfim, esperamos que nosso trabalho venha a contribuir positivamente na construção de novos olhares em relação à educação, pois não buscamos

em momento algum responsabilizar ou detectar possíveis culpados para tais levantamentos. O que queremos é que as atuais práticas metodológicas que ocorrem nessa escola sejam repensadas e os alunos levados a conscientizar da importância de suas contribuições em sala de aula. Afinal seu aprendizado não depende única e exclusivamente do professor, mas sim de uma união que só acontecerá quando todos se propuserem a admitir suas falhas e se empenharem na elaboração de um novo conceito de educação.

REFERÊNCIAS

ALEMIDA FILHO, J.C. Tendências na Formação Continuada do Professor de Língua Estrangeira, **Anais do I Congresso da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais**, Uberlândia, maio, 1995.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. “Ontem e Hoje no Ensino de Línguas no Brasil”. In: STEVENS, C.M.T. **Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

BOHN. H. I. The educational role and status of English in Brazil. In: **World Englishes**, v. 22, n. 2, 2003, pp. 159-172.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e tecnológica, 1998, p.30-149.

CAVALCANTE, Marilda C.; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Implementação de Pesquisa na Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro. In: **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, nº 17, São Paulo: IEL/UNICAMP, 1991, pp.133-144.

FILGUEIRA DOS REIS, M.R. **Características metacompetentes do professor de prática de ensino de línguas estrangeiras**. Contexturas, no. 1, 1992.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.) **O Professor de Línguas Estrangeiras - Construindo a Profissão**. Pelotas/RS: EDUCAT, 2001, p. 79.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/ aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Campinas, 1999. 189 p. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, SP, 1999.

PAIVA, V. L. O. A identidade do professor de inglês. In: **APLIENGE Ensino e Pesquisa. Revista da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais**, 1997, pp. 9 –16.

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T.; CUNHA, M.J.C. (Orgs.) **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

RAJAGOPALAN, K. The ambivalent role of English in Brazilian politics. In: **World Englishes**, v. 22, n. 2, p. 91-101, 2003.

SILVA, A. B, OLIVEIRA; A. P. Abordagens alternativas no ensino de inglês. In: LIMA, D.C. (Org.) **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa**: Conversa com especialistas. São Paulo: Parabola Editorial, 2009, p.63.

APÊNDICE

Apêndice I: Um Breve Relato - uma experiência a ser considerada

Quando vivemos uma experiência, podemos falar da mesma com uma propriedade de quem realmente sentiu na pele as dificuldades de aprender um novo idioma. Peço permissão para, neste breve espaço, descrever alguns anos de minha vida acadêmica nesta instituição de ensino.

Em 2004, efetuei minha matrícula na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão, onde cursei o primeiro ano. Em 2005, o segundo ano e, em 2006, finalmente, concluí o Ensino Médio. Falar de aprendizagem em um contexto onde poucos são os interessados, de fato, para que isto aconteça é desmotivador.

Eu diria que pouco aprendi de LI e quase nada me trouxe de acréscimo para a minha vida profissional (como sugere os PCNs). Motivos? Culpados? Erros? Bom, falaram-me que era o sistema! E eu nunca acreditei no interesse do sistema em nos mandar textos enormes, quando na maioria das vezes nem dicionários nós tínhamos para serem traduzidos em sala de aula.

Passamos duas ou três aulas tentando traduzir uma lauda, que, ao término, não entendíamos nem o que havíamos escrito. Se visto por este lado, passávamos o mês inteiro com apenas um texto, já que as aulas aconteciam uma ou duas vezes por semana, quando o professor não faltava. Depois de traduzido o texto, entregávamos o texto ao professor e este não era explorado gramaticalmente, não era relido e não apresentava nível de importância alguma, a não ser por uns pontinhos em caderneta para nota bimestral.

Não estou sendo dramática e, sim, realista. E confesso não ser fácil, aprender LI em escolas públicas, onde grande parte de seus profissionais já absorveram que os alunos não gostam da aula, não sabem, não precisam e não fazem nada para mudar esse quadro de desinteresse vindo, na maioria das vezes, do próprio professor.

Em muito os PCNs tem colaborado, mas confesso que ainda há muito a ser questionado e trabalhado se quisermos realmente que a aprendizagem aconteça. Estar em uma sala de aula apenas para cumprir umas horas-aulas e ser gratificado no final do mês não deveria ser pensamentos constantes de profissionais da Educação que não medem esforços para querer ser reconhecidos como formadores de cidadãos críticos e pensantes.

A Educação está além desses ideais, está no meu empenho como professora, na minha doação de vida, na minha escolha de exercer um trabalho digno e honesto, não apenas por ser mais fácil ingressar no mercado de trabalho. Concordo que não temos escolas de primeiro mundo, onde disponibilizamos de recursos avançados para que tal acontecimento seja vivenciado do dia para a noite. Mas, disponibilizamos de algo tão grandioso quanto: Didática e Metodologia.

Cabe ao professor querer mudar, buscar o novo, mostrar a importância e a necessidade de se aprender um novo idioma, diante de um século tão exigente e selecionador no qual estamos vivendo. Diante de um mercado de trabalho tão excludente e tantas oportunidades deixadas de lado, por não disponibilizarmos de conhecimento. Não responsabilizo aqui apenas os professores. É justo, também, salientar que na maioria das vezes os alunos acabam por si mesmo não se interessando pela disciplina e não caminhando ao mesmo passo que o professor em sala de aula.

Porém, como justificar uma situação tão complexa: de passarmos sete anos de nossas vidas estudando a LI e em uma prova para vestibular optamos pela língua espanhola, como foi meu caso, por não saber ao menos ler ou interpretar textos que seriam habilidades necessárias para a classificação/aprovação na prova? Medo e insegurança? Não! Eu diria que foi falta de conhecimento e aprendizagem mesmo!

ANEXOS

CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Letras
Curso de Licenciatura Plena em Letras

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão
Cidade/Estado: Araruna-PB
Sexo: () Masculino () Feminino

Professores(as) do 3º ano do Ensino Médio

DIÁRIO REFLEXIVO

REFLETINDO SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA
NA ESCOLA PÚBLICA

Formação Acadêmica: _____

PARTE I

1) Você tem conhecimento da Nova LBD e dos PCNs?

() Sim () Não

No caso de sua resposta ser negativa pule para a 5ª questão.

2) Você é cobrado(a) a elaborar um plano de curso tomando como base os PCNs?

3) Na sua opinião, os PCNs estão funcionando como deveriam? Justifique.

4) Você faz uso dos conceitos e soluções propostos pelos PCNs, quando elabora os objetivos do seu plano de aula?

5) Como você avalia seu(a) aluno(a) e quais os métodos?

6) Como você percebe a aprendizagem de seu(a) aluno(a)?

7) No momento da avaliação, você considera importante as quatro habilidades (Ler, Escrever, Falar, Ouvir), ou leva em consideração o trabalho integrado entre essas habilidades?

8) Na instituição em que você trabalha, qual a metodologia que você utiliza e quais os recursos/ambientes a instituição dispõe para realizar, da melhor forma possível, o ensino de Língua Inglesa (laboratório de informática, sala de áudio e vídeo, projetor etc.)

9) Como os(as) alunos(as) recebem a Língua Inglesa?

10) Qual a sua sugestão para melhorar o ensino de Língua Inglesa? Com base ou não nos PCNs?

11) Você já teve a oportunidade de praticar o seu inglês fora do Brasil, viajando e vivenciando outras culturas? Se sim, responda onde e por quanto tempo.

12) Você tem oportunidades de participar de encontros, congressos ou eventos que tratam do ensino/ aprendizagem de língua estrangeira? Comente-os.

13) Você trabalha ou trabalhou em escolas de idiomas? Se sim, há/por quanto tempo?

14) Como você compara o ensino de Língua Inglesa na escola pública, com aquele realizado nas instituições particulares que você conhece (escolas particulares e cursos livres)?

15) Qual a sua carga horária semanal por turma? E o que você acredita ser possível realizar nestas aulas?

CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Letras
Curso de Licenciatura Plena em Letras

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benjamim Maranhão

Cidade/Estado: Araruna-PB

Sexo: () Masculino () Feminino

Alunos(as) do 3º ano do Ensino Médio

DIÁRIO REFLEXIVO

PARTE I

→ Leia as afirmações abaixo, marque as alternativas com que você está de acordo:

1. () Qualquer pessoa pode aprender a falar inglês.
2. () O(A) meu(a) professor(a) demonstra interesse pela matéria.
3. () Minha escola oferece condições adequadas para o ensino de Língua Inglesa (laboratório de informática, sala de áudio e vídeo, projetor etc).
4. () O(A) professor(a) deveria falar inglês na sala de aula.
5. () Os(As) alunos(as) deveriam falar inglês na sala de aula.
6. () O(A) meu(a) professor(a) demonstra preocupação com o meu aprendizado.
7. () É possível aprender inglês sem sair do Brasil.
8. () Havendo necessidade de utilizar a Língua Inglesa na prática, eu consigo.
9. () Eu leio e interpreto texto em inglês.
10. () Eu pesquiso e faço tarefas extra classe, ouço músicas e traduzo textos para desenvolver melhor meu aprendizado na Língua Inglesa.

11. Se você fosse prestar vestibular esse ano, por qual língua estrangeira você optaria?
() Inglês () Espanhol

12. Falar inglês na sala de aula me faz sentir:
() vergonha () satisfação () confiança
() bem () um tolo () mal

13. Para nos ajudar a aprender bem Língua Inglesa, o(a) professor(a) poderia:
() trazer músicas para a sala de aula
() fazer jogos e brincadeiras
() dar bastantes exercícios gramaticais
() dar ditados para treinar o novo vocabulário
() passar filmes em inglês
() colocar diálogos em inglês para ouvirmos
() discutir sobre a cultura de países de Língua Inglesa
() fazer atividades em grupos

14. Aprender a Língua Inglesa na escola é:

divertido chato motivador desinteressante
 indiferente cansativo importante legal

15. Em todo meu ensino fundamental eu aprendi da língua inglesa:
 muito pouco muito pouco nada

PARTE II

→ Responda brevemente as perguntas:

1. A partir de que idade você acha que se deve começar o ensino de Língua Inglesa na escola? Por quê?

2. Como você acha que uma pessoa poderia aprender a Língua Inglesa fora da escola?

3. Quando você imagina que poderá usar a Língua Inglesa em sua vida?

4. Você considera o ensino de Língua Inglesa importante para a sua formação?

5. Você acredita ser suficiente seu aprendizado de Língua Inglesa no Ensino Médio para uma boa pontuação no vestibular? Por quê?
